

TIAGO REBELO

*O ÚLTIMO ANO
EM LUANDA*

ASA

ÍNDICE

REGINA — LUANDA, 25 DE ABRIL DE 1974	11
DE LISBOA A LUANDA, 1969	33
NUNO	55
O INFERNO NO CÉU	87
TUDO OU NADA	99
DEBAIXO DE FOGO	155
RECONHECER O FIM QUANDO ELE CHEGA	225
VAI HAVER <i>MAKA</i> HOJE	277
A BATALHA DE LUANDA	347
VERÃO QUENTE EM LISBOA	375
AGULHA NUM PALHEIRO EM CHAMAS	417
EPÍLOGO	517

REGINA — LUANDA,
25 DE ABRIL DE 1974

1

Acordou sobressaltada. Sentou-se na cama, ergueu o pulso e piscou os olhos para clarear a vista embaciada e focar melhor o mostrador do relógio, a porcaria de um *Timex* que Nuno lhe oferecera com a certeza de brilhar no escuro, embora não o suficiente para se destrinçar as horas. Faltava um quarto para as sete. Fechou os olhos numa careta exasperada, *merda*, resmungou, contrariada, deixou-se cair de novo para trás. Esquecera-se de pôr o despertador e já estava atrasada. *Atrasada para quê?*, reflectiu, muito justamente. *Atrasada para mais um dia igual aos outros*. Acordar o miúdo, vestir o miúdo, levá-lo ao colégio, correr para a loja, abri-la e ali ficar até ao fim da tarde. *Que se lixe, a loja é minha, posso chegar atrasada*. Olhou distraidamente para a direita. Nuno voltara a não dormir em casa. Grande novidade, já não o via há cinco dias.

Regina afastou o lençol, saltou da cama, abriu o roupeiro e escolheu umas calças brancas de algodão e uma *T-shirt*. Roupa leve, pois adivinhava-se mais um dia acima dos vinte graus e o calor naquela terra escaldante não convidava a usar uma boa parte das peças quentes que trouxera de Lisboa havia cinco anos, quando um impulso de amor a levara a fazer a mala para mais uma das suas aventuras inopinadas. Olhou para o roupeiro com as portas

abertas. Agora que pensava nisso, nem sabia porque ainda tinha aquelas velhas roupas fora de moda. No início guardara-as por achar que só estava provisoriamente em Luanda, mas depois o provisório foi-se tornando definitivo e as roupas foram ficando para ali esquecidas. Regina encolheu os ombros. *Assim que tiver tempo, deito-as fora*, pensou.

Era a história da sua vida nessa época remota: atirar-se para a frente sem pesar as consequências, ou, quando muito, pensando apenas no gozo que lhe dava fazer qualquer coisa que irritasse profundamente o pai. Ele massacrava-a com críticas e mais críticas, apontava-lhe o dedo, és uma inútil, Regina, uma irresponsável, olha a tua irmã Sofia que estudou, casou, trabalha. E tu, Regina, tu achas que a vida é uma brincadeira. Parecia que o estava a ver, a abanar a cabeça, desconsolado, sempre pronto a deitá-la abaixo, a diminuí-la com o peso insustentável que a desilusão paterna exercia sobre os ombros vulneráveis de uma filha sedenta de um elogio, de uma palavra de aprovação. És uma irresponsável, Regina, ouvia-lhe, e, claro, agia em conformidade, movida por uma profunda revolta, sem se deter para pensar, sem ponderar os efeitos nefastos que a sua *guerra* com o pai lhe poderiam causar no futuro. Pois bem, ali estava ela, a viver com um homem que mal lhe aparecia em casa e a educar praticamente sozinha o filho que ele lhe fizera. Não que Regina, nem nos seus mais recônditos pensamentos, admitisse sequer que o pai tivesse razão, mas que a sua vida não corria como a imaginara, lá isso...

Lavou os dentes, viu-se ao espelho por cima do lavatório sem fazer qualquer apreciação mental sobre o seu aspecto enquanto apanhava o cabelo castanho muito claro de forma prática, fazendo um rabo-de-cavalo com

um simples elástico de escritório. Se havia algo de que gostava naquela terra era o modo de vida despojado que a maioria das pessoas levava. Luanda era uma cidade muito menos convencional do que Lisboa, definitivamente. Se um amigo aparecia sem avisar e pedia para dormir lá em casa, pois arranjava-se-lhe uma cama, se pedia para levar o carro, emprestava-se-lhe o carro, ou o barco de recreio ou o que quer que fosse. Com o calor que fazia, uma pessoa preocupava-se mais em vestir pouca roupa do que em usar coisas bonitas de marca para impressionar. De qualquer modo, em matéria de beleza, Regina bastava-se a si própria para chamar a atenção do sexo oposto.

Pensou na irmã, teve saudades, decidiu que lhe telefonaria ainda nessa quinta-feira. Regina não era lá muito ambiciosa, não estudara para advogada como Sofia. Essa seguira os passos do pai, o juiz sisudo, cursando Direito na mesma universidade, tirando as melhores notas, honrando o brilhantismo académico do pai, não se envolvendo nas lutas estudantis que episodicamente moviam os seus colegas em confrontos heróicos com a Polícia. A irmã não se interessava por política, não se preocupava com a censura, com as eleições viciadas ou com a guerra em África. Regina também não, valha a verdade. Estava há cinco anos em Angola e só sabia que decorria ali uma guerra por causa dos negócios obscuros de Nuno, e nem desses se inteirava lá grande coisa. Para que queres saber o que faço, meu amor?, perguntava-lhe ele, sempre enigmático, sempre descontraído, pondo aquele sorriso velhaco, encantador, que a desarmara desde o primeiro dia, desde a primeira hora. Um sacana de um solitário que ela amava e não havia volta a dar. E se insistia muito, se deixava prever uma tempestade, fazendo o seu sorriso cínico — que também sabia fazer — e argumentando que, tendo

em conta que não estás em casa durante quase toda a semana, podes ao menos dizer-me o que andas a fazer, ou não?, nesse caso ele encolhia os ombros e dava-lhe a mesma satisfação vaga e enfasiada do costume, ora, pego no avião, carrego-o com mercadorias, as merdas de que aqueles tipos gostam, vou ao Interior, descarrego e na volta recebo a bordo um ou dois soldados feridos, se os houver, e regresso. Para lá transporto géneros, para cá faço de ambulância. Tenho um veículo de utilidade pública, dizia, divertido consigo próprio, sou um patriota.

Nuno era tudo menos um patriota. Regina amava-o tanto como uma agarrada podia amar a dependência da heroína que não lhe dava tréguas, mas não tinha ilusões quanto ao seu carácter. Era um bonitão, egoísta e bem falante — gostava de se ouvir —, cheio de expedientes, quase todos de legalidade duvidosa, um aventureiro sem medo de nada, mas perigosamente inconsciente, pois não cuidava se estava dentro ou fora da lei, se mexia com os interesses de alguém poderoso, se agradava a este ou desagradava àquele. Queria lá saber.

2

Ajudou o filho a entrar no carro. André completaria cinco anos em breve e já fazia perguntas. Estranhava as ausências frequentes do pai. Regina ia-lhe aplacando as saudades, dizia-lhe que o pai estava a trabalhar, que voltava em breve, mas as reclamações do filho contribuía para acumular a frustração dela, que se sentia impotente para melhorar a sua relação com Nuno, e acabavam por dar azo a discussões periódicas entre eles. Se lembrá-lo que o filho precisava dele não fosse razão suficiente, era pelo menos um pretexto para Regina encostar Nuno à parede, fazer exigências. Ela achava que Nuno não se empenhava no casamento, que nem casamento era, visto nunca terem chegado a acordo sobre a ideia de um enlace pela igreja. Nem tão pouco pelo registo civil. Regina nunca o considerara absolutamente necessário, mas agora gostava de acompanhar o serviço religioso aos domingos ali ao lado, na velhinha Igreja de Nossa Senhora do Carmo e, enquanto assistia à missa, a mente sonhadora punha-se a imaginá-los, aos dois, frente ao padre numa cerimónia com grinaldas, alianças douradas, cânticos pacíficos e chuva de arroz. Talvez porque isso lhe alimentava a ilusão de que o casamento pudesse levar Nuno a tornar-se um marido mais caseiro e um pai mais presente, mais dedicado à família. Mas ele nem queria ouvir falar de tal coisa. Regina

introduzira o tema com alguma ligeireza, para não o assustar. Aproveitou um momento feliz, de perfeita sintonia. Partilhavam um cigarro depois de fazerem amor e, para o *cliché* ser completo, ela sentou-se na cama como se tivesse sido assaltada por um desejo repentino, por um capricho irreprimível. Voltou-se para Nuno e lançou-lhe a isca.

— Vamos casar! — exclamou, feliz.

Ele, espantado, saiu-se com uma gargalhadinha sarcástica.

— Vamos o quê?!

— Vamos casar na igreja aqui ao lado.

— Estás doida.

— Não estou nada. Vá lá, Nuno, vai ser divertido.

— Regina, o casamento não é para ser divertido. Ou se acredita ou não — explicou, condescendente no tom, irritante na forma, como quem ensina o pai-nosso ao vigário.

— É suposto ser uma ocasião feliz — replicou Regina, seca. — Por isso, é divertido. — E Nuno, detectando um princípio de irritação no ar, esticou a mão e tocou-lhe nos seios desnudados, brilhantes do suor do amor acabado de fazer. Acariciou-a, como que a apaziguá-la.

— Nem penses nisso, minha querida — disse ele, a levar a conversa para a brincadeira. — Já sabes que detesto padres. O cheiro a mofo das igrejas dá-me arrepios, rreeehhh! — Fez uma careta arrepiada.

És um desmancha prazeres — queixou-se Regina.

É verdade! — insistiu ele. — As igrejas são frias como cemitérios. Sabes que tens umas mamas lindas? — Regina deu-lhe uma palmada na mão, afastando-a, contrariada.

— E tu sabes que às vezes és um bom cretino? — Saltou da cama, nua, dirigiu-se à casa de banho, bateu com a porta.

Moravam numa zona privilegiada da cidade, na Rua Serpa Pinto. Era o prédio de esquina com o largo do mesmo nome, ali muito perto da Mutamba, onde ficava a Câmara Municipal, e perto da Baixa e da Marginal. Mesmo em frente havia um hotel com o curioso nome Katekero. Regina abriu a porta do *Volkswagen* Carocha amarelo, puxou o encosto do banco do passageiro para a frente. André entrou com dificuldade, amparado pela mãe, atrapalhado pela bola que insistira em levar para o colégio apesar da resistência dela, tenho de levar, mãe, lacremejara, tenho um jogo importante, e ela acedera, a contragosto, para evitar uma birra, ciente de que, normalmente, o que o André levava de manhã ficava esquecido ao fim do dia. Deu a volta ao carro, sentou-se ao volante, deu à manivela para baixar o vidro, bufou, incomodada com o calor e com a vida em geral, pensou que tinha saudades do clima mais ameno de Portugal e, agora que pensava nisso, também um pouquinho de Lisboa. Acendeu o primeiro cigarro do dia, pôs o motor a funcionar, engrenou a primeira, arrancou.

Regina estava mudada, a maternidade alterara a sua maneira de pensar, o modo como encarava o seu lugar no mundo. Sentia-se mais responsável desde que tomara consciência da sua obrigação de garantir a segurança, a educação e o futuro daquele pequeno ser humano indefeso a quem dera de mamar, que vira dar os primeiros passos, a quem ouvira a primeira palavra, com os olhos rasos de descontrolada emoção. Tinham passado cinco anos e ela era uma pessoa totalmente diferente da Regina dos primeiros tempos em Luanda. Já não se contentava com o disparate pegado desses dias. Na época andavam num ritmo vertiginoso, ela e Nuno. Saíam de casa pelo

meio-dia, iam para a praia de moto, regressavam ao fim da tarde, tomavam banho, vestiam-se, voltavam a sair para jantar no luxuoso Hotel Continental, ali na Baixa, ou iam até à Ilha, ao Clube Naval ou ao Solmar, após o que seguiam para as *boîtes*, normalmente o Calhambegue, por detrás da Marginal, ou o Flamingo, na Praia do Bispo, onde eram tratados com a deferência reservada às caras conhecidas e onde já tinham feito algumas amizades de circunstância entre os outros clientes habituais.

Chegavam a casa de madrugada e faziam amor com o dia a entrar-lhes pela janela, transparente, inclemente, sem o filtro das nuvens, nem sequer uns carneirinhos tremalhados, e os contornos dos seus corpos húmidos ganhavam formas humanas reluzentes entre o caos dos lençóis enrodilhados pelos jogos de amor numa cama que ficava sempre por fazer. O odor forte, inconfundível, do sexo consumado impregnava o ambiente abafado do quarto, misturado com os vapores do álcool, com o cheiro a fumo das boîtes que se pegava à roupa — atirada de qualquer maneira para o chão, às vezes com vestígios de areia de uma passagem nocturna pela praia — e com os restos de perfume e de sabonete que ainda se confundiam na pele deles, perdurando nos seus espíritos à laia de última recordação da noite.

As suas respirações apressadas sossegavam lentamente enquanto lá fora o restolho hesitante da cidade sonolenta ganhava uma dimensão surda e pesada, pontuada pelos motores esforçados dos *machimbombos* que transportavam passageiros estremunhados, soltando para o ar espesso da manhã o veneno dos tubos de escape. E eles, caindo na inconsciência das almas tranquilas, adormeciam abraçados, para umas horas depois acordarem e repetirem a rotina despreocupada de todos os dias, sempre

a mesma, sempre igual, de tal modo que se surpreendiam a perguntar-se se era segunda ou sexta-feira, sem sequer distinguirem os meses porque as estações em Angola se resumiam a duas e mesmo essas não deixavam de ser idênticas em quase tudo.

Era certo que, apesar de andar muitos dias por fora, Nuno regressava sempre a casa. Chegava bem-disposto e era atencioso com Regina e com o miúdo. Nessas alturas havia harmonia e tudo voltava a estar bem. Faziam amor com a mesma paixão de antigamente, interrompiam o dia e corriam para o apartamento a uma hora qualquer, enquanto André estava no colégio e podiam cair no chão da sala e fazer tudo como na primeira vez, como se assim dissessem um ao outro e a si mesmos que nada mudara. Embora não fosse verdade.

Abrira a loja de fotografias alguns meses após o nascimento de André. Ia a passar com Nuno, a empurrar o carrinho de bebé, repararam num espaço disponível a um quarteirão de casa e ele sugeriu que o aproveitasse.

— Podias fazer aqui uma loja de fotografias — comentou, pensativo, encostando o rosto ao vidro da montra, sujo de poeira, com as mãos em concha por causa do reflexo do sol.

Ela rolou os olhos nas órbitas, fez aquela cara incrível que ele lhe conhecia de quando ouvia algo que lhe parecia disparatado.

— O que foi?

— Uma loja de fotografias, Nuno?

— Sim, uma loja de fotografias — insistiu. — Trabalhaste numa em Lisboa, conheces o negócio. Porque não? — Regina encolheu os ombros e seguiram caminho.

— Uma loja de fotografias, pfff... — disse ainda, a pensar alto, como se fosse algo descabido.

— É uma boa ideia, Regina — disse ele, passando um braço carinhoso por cima dos seus ombros. — Pensa nisso.

Se não o levou a sério foi, em parte, por insegurança, por duvidar da sua capacidade para gerir um negócio, e em parte porque não lhe ocorrera tomar conta de coisa nenhuma para além da casa e do filho. Mas no dia seguinte deu consigo a telefonar para o proprietário da loja e, uma hora mais tarde, a visitar o espaço, encantada, acarinhando já a ideia de ser dona da sua própria loja.

— Fechei negócio com o dono da loja — comunicou a Nuno, à noite, feliz, entusiasmada. Ele vinha das suas andanças pela cidade, dos seus negócios indefinidos.

— Qual loja? — perguntou, já esquecido da conversa do dia anterior.

— Qual loja! A loja de fotografias, palerma — exclamou, um pouco agastada, mas logo recuperando a benevolência, mortinha por lhe contar os seus planos, falar-lhe do espaço, que era pequeno mas suficiente, do preço do trespasse, de como aproveitar o balcão de atendimento e adaptar o acanhado gabinete interior para fazer um laboratório, e da cor ideal para as paredes. Sim, as paredes precisavam de ser pintadas. De modo que mergulhou no projecto da loja sem se apoquentar mais com o receio de não conseguir.

E com isto tinham passado praticamente dois anos. Inicialmente, Regina entregou-se com desvelos dedicados à tarefa feliz de transformar o apartamento num lugar simpático para se estar, querendo surpreender Nuno com portamentos decorativos, recantos de bom gosto, embora ela

ainda só encarasse o apartamento como um lar provisório, um pouso, enquanto não regressavam a Lisboa, e que, portanto, não merecia mais do que um empenhamento distraído. Mas Regina deixou-se entusiasmar pela fantasia de construir um verdadeiro lar e aplicou-se a sério. Ela dizia a si própria que era só um capricho, uma ideia agradável e nada mais. Como tinha receio de sofrer uma desilusão, procurava não embandeirar em arco, não tomar nada como certo e viver o dia-a-dia sem demasiadas expectativas. Luanda, Nuno, o apartamento, tudo lhe parecia provisório. Mas depois o apartamento ficou pronto, deixou de ser apenas um lugar com uma cama, um armário, uma mesa e quatro cadeiras onde iam tomar banho e dormir nos intervalos da pândega, e Regina começou a afeiçoar-se à possibilidade de assentar, de construir algo de duradouro em Luanda.

Quando se tornou evidente que Nuno não tencionava regressar a Lisboa — na altura ela ainda não sabia que, mesmo querendo, ele não poderia fazê-lo —, Regina ganhou outra segurança. E ganhou também outra perspectiva de Luanda. A vida deles foi-se comprometendo com a cidade. Nuno andava activamente à procura de negócios, Regina cuidava que nada faltasse em casa e já não estavam juntos vinte e quatro horas por dia, enfim, cada um tratava das suas responsabilidades. Continuavam a sair mas o divertimento deixara de ser prioritário e, talvez por cansaço, por vezes jantavam em casa e deitavam-se cedo. Era como se as férias tivessem acabado. Mais comédidos, riam-se desses tempos em que tudo se resumia às praias, aos restaurantes, às *boîtes*. Tal como Nuno, Regina guardava a lembrança recente dos meses vertiginosos, do sexo na areia fresca das madrugadas, com a Lua a bailar muito branca nas pupilas encadeadas e desfocadas

pelos prejuízos dos charros, dos cigarros, do álcool, repassada por um prazer desmedido, rindo-se sem motivo aparente, como uma tonta, agarrada a Nuno, com as unhas cravadas nas suas costas enquanto ele investia contra si, em cima de si, por baixo de uma saia levantada à pressa, numa confusão de areia, até atingirem aquela deliciosa explosão de sentidos. E então ele parava, rolava lentamente para o lado dela e ficavam deitados de costas, em silêncio, vagamente hipnotizados pelo infinito insondável de um céu aberto, escuro e uniforme como uma pele negra e lisa, marcada por milhares de sardas prateadas; e a alma deles voava para longe como um pardalinho desligado de terra firme e o próprio corpo perdia consistência, entorpecido pelos fumos mágicos que ainda lhes corriam nas veias e no coração anestesiado que batia devagar.

Eu podia ser feliz aqui. O pensamento surgiu-lhe como uma revelação. O motor fora de bordo esticado ao máximo empinava a proa e impulsionava o barco a uma velocidade de fazer disparar a adrenalina, deixando para trás uma esteira branca que, ao espriar-se, perturbava a tranquilidade transparente do mar. Regina agarrava-se com força ao bordo de madeira do corta-vento de plástico translúcido. Tinha os nós dos dedos brancos e as pernas bambas do esforço para se manter em pé de cada vez que o fundo do barco batia com violência na água sólida. Estava um daqueles fins de tarde inesquecíveis no Mussulo, uma península estreita, comprida e árida, com praias maravilhosas, onde só se ia por mar ou, em alternativa, ter-se-ia de dar uma volta por terra que nunca mais acabava. À frente, entaladas entre a península e a costa continental, várias ilhas mais pequenas alternavam entre a paisagem desértica e oásis de floresta cerrada à beira mar. O barco deslizava ao longo de uma linha de costa exuberante e

impenetrável, uma margem recortada pela floresta virgem, onde a selva densa caía na água, parecendo vir beber ao oceano. O dia a cair matizava-se de vermelhos e laranjas. Um bando de flamingos livres, com belíssimas penas rosadas, bateu as asas enormes, espantado pela aproximação do barco veloz e ruidoso, ergueu-se da água e afastou-se em voo rasante por cima do mar. Um vento morno, húmido, salgado, batia-lhes no rosto protegido por óculos de sol. Regina apreciava a paisagem deslumbrante, mergulhada num silêncio pasmado, reverente, enlevada com a maravilhosa perfeição daquele lugar. Observou Nuno de esguelha, bronzeado, com o cabelo comprido clareado pela permanente exposição ao sol, um bigode recente, fato de banho e *T-shirt*. Ele, presentindo-lhe o olhar, voltou a cabeça e lançou-lhe uma piscadela de olho de cumplicidade. Estamos juntos, parecia dizer-lhe, estamos juntos, tu e eu, neste paraíso. Regina sorriu, emocionada, acreditando pela primeira vez que poderia ser feliz naquela terra extraordinária e que valia a pena empenhar-se para que isso acontecesse. Mas nesse momento encantado ela não poderia sequer imaginar que Angola já estivesse condenada pelo capricho dos deuses da guerra e pela voracidade dos homens.

3

Deixou André no colégio e regressou para abrir a loja. Isolou-se no ambiente soturno da sua câmara escura de águas profundas como um submarino, iluminada por uma luz vermelha, um pequeno mundo de sombras estranhas, texturas indefinidas, silêncios pesados. Regina entregou-se ao trabalho de um modo mecânico, sem grande convicção, desenrolando películas, manuseando as emulsões com pinças, vendo desinteressada as imagens surgirem nos papéis em branco, colocando-os a secar numa corda estendida ao comprido no gabinete, com o espírito bem longe, melancólico, ausente numa tristeza indefinida. Trabalhou sem dar pelas horas passarem, a meditar no seu dilema. Onde estaria Nuno àquela hora? Algures no Interior do país a pilotar o seu avião, o seu pombo-correio solitário, a baixa altitude, por cima de copas de árvores ou seguindo a linha de um rio ou de uma estrada a caminho do fim do mundo. Regina sentia-se presa a um homem que amava e, por causa dele, ou por causa das suas próprias escolhas, ou, quem sabia, apenas devido a um conjunto de circunstâncias que ela não dominava, que a ultrapassavam, acabara naquela situação: uma mulher solitária, quase sem amigos e sem marido, na maior parte do tempo pelo menos. Era estranho, ela que sempre batalhara pela sua independência, que nunca admitira que

lhe dissessem o que devia fazer com a sua vida, a começar pelo pai, que seguira o seu caminho segundo a sua vontade, as suas opções, com mais ou menos cabeçadas, com os seus altos e baixos, afinal de contas, contra todas as perspectivas do pai, da mãe, da irmã, do pateta do cunhado, acabara por conseguir tudo o que sempre almejava. Tinha uma família, era dona do seu negócio sem ter de aturar um chefe, um patrão, enfim, sem ter de se submeter aos caprichos terroristas de alguém com poder suficiente para a ameaçar com o fantasma do despedimento. Dir-se-ia que alcançara a felicidade, e no entanto sentia-se impotente, como se esta se lhe escapasse por entre os dedos.

A sineta por cima da porta alertou-a para a entrada de alguém. Regina foi ver quem era. Piscou os olhos para se habituar à claridade lá de fora.

— Olá, Regina — disse uma imagem desfocada no outro lado do balcão.

— Olá, dona Natércia — reconheceu-a pelo seu característico tom de voz de menina mimada, um pouco patético numa mulher à beira dos setenta; percebeu que era ela muito antes dos olhos conseguirem distinguir os contornos da figura esguia emoldurada pela luz que entrava pelo amplo vidro da montra e da porta atrás dela.

— Venho buscar as minhas fotografias — anunciou a mulher com a pele do rosto vincada como uma folha de papel amarrotada.

— Não precisava de se incomodar, dona Natércia, eu levava-lhas lá a casa.

— Não é incómodo nenhum, minha filha, pelo contrário, é um pretexto para vir arejar.

Dona Natércia era a vizinha de Regina. Vivia no apartamento do rés-do-chão, onde passava a maior parte

da sua triste existência a cuidar do marido, um velho brigadeiro fardado com um pijama às riscas, sentado numa poltrona de orelhas a olhar para o infinito com um fio de saliva a escorrer-lhe do canto da boca, impávido, insensível ao que o rodeava desde que uma trombose lhe desligara o cérebro.

— O meu filho telefonou-me há um bocadinho — anunciou a mulher.

— Ah, foi?

— Foi — confirmou, fazendo que sim com a cabeça, muito assertiva. O filho, capitão do exército, encontrava-se em comissão algures no Leste de Angola. Regina já o conhecera, numa ocasião em que, estando de licença em Luanda, dona Natércia os convidara para jantar lá em casa. Era um tipo cheio de ideias políticas, com quem Nuno gostara de conversar. O primeiro não se eximira de se alargar nas críticas ao governo, assumindo-se abertamente contra a guerra; o segundo aproveitara para obter o máximo possível de informações sobre a situação no terreno. Explicou-lhe que tinha um avião, levava mercadorias aos soldados, se bem o entendia. Ao fim da noite fecharam negócio e, tanto quanto Regina sabia, Nuno passara a visitar regularmente a base do capitão.

— E como é que ele está? — perguntou.

— Está bem, está bem... — disse a mulher, pensativa. Algo a preocupava. — Mas ele disse-me que aconteceu uma coisa qualquer importante em Lisboa. Não percebi bem o quê e ele também não sabia bem o que foi.

— Ele só disse isso?

— Parece que havia soldados na rua.

— Em Lisboa? — admirou-se.

Dona Natércia voltou a abanar a cabeça, desta vez com a lentidão das coisas graves.

— E ele não lhe disse mais nada, não explicou o que se passava?

— Não, não disse mais nada.

Regina ficou intrigada, mas depois entrou mais um cliente e mais outro e de repente parecia que haviam escolhido todos a mesma hora para lhe encherem a loja, uns queriam deixar rolos para revelar, outros vinham levantar fotografias, e ela, ocupada, não pensou mais no assunto. A tarde chegava ao fim quando Regina olhou para o relógio e começou a resmungar entre dentes *merda, merda, merda*, só para si, e teve de barrar a entrada a um chato pedinchão ao mesmo tempo que saía a correr, atrasada para ir buscar o André.

Odiava ser a última mãe a chegar ao colégio e encontrar o filho sentado à entrada, nos degraus da escada, à espera dela com cara de abandonado. Regina parou o carro, buzinou, o miúdo levantou-se devagar, dirigiu-se para a porta aberta, atirou-se amuado para o banco traseiro sem dizer palavra.

— Desculpa, querido — disse ela, sentindo-se culpada —, a mãe atrasou-se. — E ele nada. Regina endireitou as costas do banco do pendura, esticou-se por cima dele para fechar a porta contrária. — A tua bola?

André encolheu os ombros.

— Esqueci-me — respondeu.

Decidiu compensá-lo pela sua imperdoável falha de mãe desnaturada levando-o a comer um baleizão, que era uma marca de gelados tão conhecida em Luanda que toda a gente dizia baleizão quando queria dizer gelado. Rumou à Baixa, parou no estacionamento em espinha defronte da pastelaria Paris, saiu, baixou as costas do banco para

dar passagem ao filho, bateu a porta com um nadinha de força a mais, descarregando na chapa do *Carocha* a frustração entranhada que continuava a latejar-lhe na cabeça.

Sentaram-se a uma mesa, frente a frente, André a perder a luta contra o degelo branco que se derramava sobre o pequenino punho fechado em torno do cone de bolacha; Regina a suspirar sobre uma chávena de café esquecida, a descansar o queixo na palma da mão, com um cigarro a queimar devagar entre dois dedos e uma cortina de fumo azulado elevando-se ao lado do rosto contemplativo.

— Está bom? — perguntou, referindo-se ao gelado.

— Hum-hum — resmungou André, sem tempo para tirar a língua do icebergue a desfazer-se.

— E o jogo de futebol, correu bem?

— Hum-hum...

Regina sorriu de si para si, encantada com o menino de franja acertada numa linha sobre os olhos castanhos. Era a cara do pai. Desviou a atenção para a sala, subitamente assaltada por um vago pressentimento de que se passava alguma coisa estranha. Pôs-se à espreita, curiosa, tentando deslindar o motivo da sua inquietação. As pessoas de pé ao balcão conversavam no tom grave e surdo das intrigas políticas, aproximando-se umas das outras para bichanarem opiniões veladas, como se de repente se conhecessem todas. Abanavam a cabeça, aparentemente incrédulas com alguma coisa, enquanto que, do lado de dentro do balcão, um empregado carrancudo esfregava sem parar a superfície de vidro, escutando os comentários dos clientes e contribuindo ocasionalmente com uma ou outra opinião curta e pesarosa. E, vendo bem, no resto da sala dava a sensação de que uma onda de preocupação se abatera sobre as mesas, todas ocupadas por gente que se comportava de um modo misterioso. O burburinho de

vozes enlutadas contrastava com a costumeira algazarra alegre daquela hora. De repente, Regina lembrou-se de dona Natércia, *o meu filho disse-me que aconteceu uma coisa qualquer importante em Lisboa.*

Levantou o braço, chamou o empregado, pediu a conta.

— O que é que se passa hoje aqui, que está toda a gente com cara de enterro? — perguntou, enquanto o homem fazia o troco.

— Ah, a senhora ainda não sabe?

— Não sei o quê?

— Então, a senhora não sabe o que aconteceu em Lisboa?

— Não.

— Hum, pois, não sabe...

— Mas, não sei o quê, homem de Deus?!

O empregado deitou uma olhadela conspirativa para os lados, dobrou-se, aproximou muito dela um rosto mapeado por rios de veias vermelhas a correrem-lhe pelas faces coradas e sussurrou o segredo que, aparentemente, já meia Luanda sabia.

— É que houve uma revolução em Lisboa.

